

REVISTA

BARTOLOMEU[®]

CONTOS ERÓTICOS

VOLUME 1 | N.º 7

FEVEREIRO DE 2021

Proibido para menores de 18 anos



POR QUE NA MINHA CASA...?

A Vizinha. 3
&
A Amiga

ISSN 2675-6226

ALEXANDRE GOLOVANEVSKY

Sobre o Bartô



O amor tem em si camadas que são descobertas dia após dia, ou minuto a minuto dependendo da intensidade; alguns são tão rápidos e intensos que uma transa de horas vale mais que anos juntos. O amor é um amontoado de camadas, de cortinas fechadas abertas uma a uma. Por isso alguns amores viram um pesadelo, a medida que se descobre cada camada é aberto um buraco negro, em outros você descobre uma pessoa ainda mais incrível. Alguns são platônicos, quem nunca se apaixonou sem conseguir abrir sequer a primeira camada, fingindo não ser nada, se você não, eu já!

"A Bartolomeu é uma revista mensal de conteúdo adulto, para quem busca uma leitura mais picante! Espero que possamos curtir juntos esta 7ª edição!"

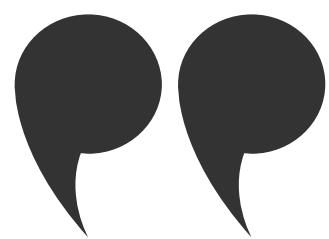
Algumas paixões são apenas pele, nesse caso a descoberta é na cama, ficam a cada encontro melhor!

Assim é Bartô, a princípio você pode até estranhar, um cão escritor, com o nome Bartolomeu e chamado de Bartô contando histórias de amor, mas se em tudo que move o mundo existe paixão, o que há de estranho num cão que escreve contos de paixão e erotismo!? Nada, não é mesmo!?

Um cão escritor,
Conhecido como Bartô!
Um cão cheio de histórias
escritas em contos de amor.
De noite ele bate patas
e sempre acaba num cobertor
misturando safadeza e amor;
Depois escreve contando um conto!
Ah Bartô...
cachorro metido a escritor!

Um abraço canino!
Bartô
O cão escritor





SENTIA COMO

se estivesse vivendo

**UMA ATERRADORA E
MORTAL PAIXÃO,**

seríamos pegos ali,

mas

**EU NÃO CONSEGUIA
PARAR!**

“Nesta sétima edição de Bartolomeu, vamos conhecer a estória de "A Amiga". Também vamos continuar pela estória de uma vizinha e um amante sem limites. Fique comigo por aqui e vamos viajar por dois contos de amor excitantes e cheios de tramas”

Espero que se divirta!

ALEXANDRE GOLOVANEVSKY



A Amiga

Uma mensagem do nada chega no celular de Ema: "CORNA".

Vinha de um número desconhecido, sem foto, pelo WhatsApp que em seguida, Ema bloqueou. Era uma única palavra, metálica, afiada e pontuda. Uma brincadeira de mal gosto.

Ema explodiu com total indignação. Não via mais nada além de cenas criadas por uma imaginação desesperada.

"Quem é a fulana??"

"Quem mandou isso??"

"Isso não pode estar acontecendo!!"

Os lábios de Ema congelaram. Seus olhos marejados de fúria olhavam para a mensagem numa profunda cegueira e decepção. Olhava-se no espelho arrumando seu cabelo, imaginando quem haveria tomado o seu lugar... o que essa mulher teria de tão atraente!?

Seria mais nova!? Mais bonita!? Suas leves marcas de uma mulher de 39 anos pareciam chamar mais a atenção do que nunca. Sentia seu corpo maior. Ema era uma mulher belíssima, curvas provocantes, cabelos loiros bem tratados, olhos profusos e castanhos, porém tomada por uma baixa autoestima aterrorizante, tudo que via, era uma linda garota de 25 anos aos beijos com o seu marido Aroldo, carinhosamente chamado de Dinho.



Agitada ligou imediatamente para a sua melhor amiga, Rebeca.

- "Oi Beca! Preciso falar com você agora!! - sua voz saía sôfrega pelo telefone, tremia. Estava aflita.

- Agora!?? Estou no trabalho Mah! pode ser a noite depois que eu sair?

- Tudo bem! Mas já vou indo, tá! Preciso sair! Vou dar uma volta e depois te encontro. O Dinho está aí?

Dinho, marido de Ema, era o chefe de Rebeca. Era um bem sucedido dono de uma companhia que intermediava empresas de grande porte. Havia admitido Rebeca em sua empresa e já completavam dois anos juntos como grandes amigos e colegas de trabalho.

Rebeca sabia de tudo que se passava com o casal e sempre se colocava a disposição como amiga confidente, tanto de Ema, quanto de Dinho, com quem almoçava junto quase todos os dias. Com Ema, Rebeca era como uma irmã, saíam juntas e frequentavam sempre uma a casa da outra. Até madrinha de casamento havia sido. Para Ema, mulher ciumenta, não havia nada mais conveniente do que ter sua amiga tão próxima do marido, quase como um braço direito. Rebeca, quando questionada pela amiga possessiva, não economizava em dar os passos do marido.

"Hoje ele foi ali". "Está em reunião". "Vai sair com fulano para beber".

Nesse dia, que parecia um pesadelo para Ema, não foi diferente. Rebeca respondeu de pronto:

- Ele saiu para uma reunião. Acho que não volta.

- Com quem?? Sabe com quem?? Ele está me traindo amiga! Estou arrasada. Te conto os detalhes pessoalmente.



- Não brinca Mah!! Isso é sério!?? Meu Deus nunca percebi nada!! Não pode ser, ele é muito sério. Ele está em reunião de negócios. Tenho certeza. Vi quando saiu acompanhado. Negócio grande!

- É um cachorro farsante! Estou com ódio dele! Eu vou indo, tá!? Falamos pessoalmente.

E assim se encontraram num barzinho por ali perto.

Rebeca, tentava acalmar Ema. "É só uma mensagem". "Não leve isso a sério". Porém, duas horas depois de conversa e com um tanto de bebida alcoólica, Rebeca estava convencida sobre a suposta traição. "Dê um gelo nele amiga". "Trate-o com indiferença". "Se te procurar não dê corda". Não conte nada a ele sobre essa mensagem, hein!?" "Eu que você, dava o troco!". "Homens não prestam!"





E assim, sem dizer uma palavra, tomada por um ódio e cinismo impressionantes, Ema passou a maltratar Dinho. Conversas tortas passaram a ser rotina dentro daquela casa, um total isolamento dividia o casal que nas poucas horas juntos pareciam abduzidos pelo celular, num mundo paralelo e de uma frieza medonha. Dinho, sem entender nada, perguntava para Ema o que estava acontecendo, mas ela não falava, dava desculpas e se distanciava, cada vez mais...

Preocupado, Dinho recorreu a sua amiga mais próxima, Rebeca, sua colega e confidente com quem andava junto todos os dias. Passaram a se encontrar com mais e mais frequência para conversas particulares, em almoços prolongados e cafezinhos à tarde, algumas vezes até uma cervejinha depois do horário.

Rebeca o escutava sempre atentamente, e cuidadosa com as palavras, dizia..."é uma fase, logo passa..."



Dias e semanas se passavam. Rebeca, cada vez mais próxima de Dinho, se fazia notar cuidadosamente de forma natural e provocante. Dinho, por sua vez, passou a notar Rebeca com olhos diferentes. Se furtava olhando para seu corpo, sentindo algo que nunca havia sentido antes.

Sempre achou Rebeca uma mulher bonita e cheia de vida, sorriso constante e cativante, mas agora, algo parecia diferente naquela mulher.

Um dia, ela arriscou:

"Será que ela tem outro!?"

Dinho respondeu prontamente:

"Não! Nunca! Ela não faria isso!

O fato é que aquela pergunta havia plantado uma semente. Crescia a cada gesto de indiferença e grosseria da esposa enciumada, uma suspeita que se tornou uma planta espinhosa até o dia em que Dinho, recebeu uma mensagem anônima no celular, dizendo:

"CORNO"

Aquilo parecia ligar todos os pontos! Agora fazia sentido a mudança de comportamento da mulher - exclamava em seus pensamentos.

Indignado e cheio de pedras em cada palavra, confirmava sua suspeita para a amiga, dias depois:

"Você tinha razão!!!"

Rebeca o acalmava, segurando sua mão, solidariamente.

"Como ela pôde fazer isso com um homem como você!"

Ele enchia o peito enfurecido e dizia com verdade e exclamação:

"Meu casamento acabou!"

No escritório, numa das manhãs seguintes à confirmação da suspeita, Rebeca chegou ainda mais provocante. Usava um vestido cinza de tecido fino, curtinho, seios firmes e pontudos, bumbum grande e bem marcado numa linha que deslizava por uma cintura fina de mulher corpulenta. Tinha nos olhos uma chama e uma determinação implacáveis.

A verdade é que toda aquela fragilidade do casal e intensa aproximação de Rebeca com Dinho os havia conectado intimamente, intensamente. O que não havia acontecido ainda na vida real, já tinha corpo e forma na imaginação dos dois.

Com as portas fechadas, uma mão tocou na outra. Os olhos dos dois se furtaram numa armadilha cor de mel cheios de desejo. Dinho hesitou. Já Rebeca, com os lábios doces e venenosos articulou suas palavras como balas certeiras pelos ouvidos do homem...

"Ela é minha amiga, amo ela como uma irmã! Mas não está certo o que ela está fazendo com você. Eu não queria dizer nada mas uma mulher tão distante assim, o tratando da forma que está, não sei..."

Dinho trouxe na memória a mensagem ácida que recebera naquelas semanas..."CORNO".

Tomado por uma dose de fúria, insensatez e um desejo descontrolado moveu-se contra o corpo da mulher, que ao lado, tocou sua face, seu cabelo e sua barba. De repente seus lábios se tocaram. Suas mãos subiram pelos seus corpos ofegantes. As pernas de Rebeca, antes cobertas por um curto vestido, se revelaram macias, torneadas, como um caminho irresistível e sem volta, pela virilha, pela pele pubiana e depilada e para dentro do seu corpo.

Ela ainda vestia uma fina e delicada calcinha, que se mexia enquanto os dedos de Dinho mergulhavam por uma escaldante poça, que escorria entre seus dedos. Rebeca gemia nos ouvidos de Dinho..."ainn..assim...isso"

Suas mãos cintilantes abriam a calça do homem num entusiasmo de primeira vez,

puxando para fora um membro teso, pulsante, grosso e cheio de veias prestes a explodir. Ela o massageava num vai e vem frenético. Suas mãos delicadas eram firmes e o segurava com deleite. Os dois se beijavam entregues até que a boca dele, desceu pelos seios com pontas frescas e rosadas, depois pela barriga, e depois para a virilha. Ela, tirou a calcinha e sentou-se na mesa, abrindo-se com a boca vibrante do homem de cabelos negros e demoníacos entre suas pernas.

Ele, a masturbava com sua língua que se mexia rápido sobre o clitóris, até senti-la gozar. As coxas de Rebeca pulsavam com tremor, enquanto suas mãos agarravam mais forte os cabelos do homem. Seu queixo apontava para o céu, mordida seus próprios lábios, gemia e tremia coxas e barriga. As persianas do escritório revelavam uma luz do dia flutuando pelo pelos olhos da mulher que sentia um orgasmo eufórico e apaixonado.



Uma paixão doentia, arquitetada e cheia de segredos. Ele, com a boca ainda escorrendo orgasmo, a beijou com o entusiasmo voraz de um homem com desejos ainda não saciados.

Ela se colocou de costas, contra a mesa, com seus seios curvos, úmidos de boca, apontados para a tela de um celular que guardava uma mensagem secreta, que ela mesma havia enviado..."CORNO"...;

dentro de si, o pênis do homem voraz que metia... metia forte, quase arrastando a mesa cada vez que seu corpo batia contra o corpo da mulher, pele com pele, sexo com sexo em carne viva. O deleite da mulher misturava-se com a lembrança da mensagem que ela própria havia mandado para Ema...

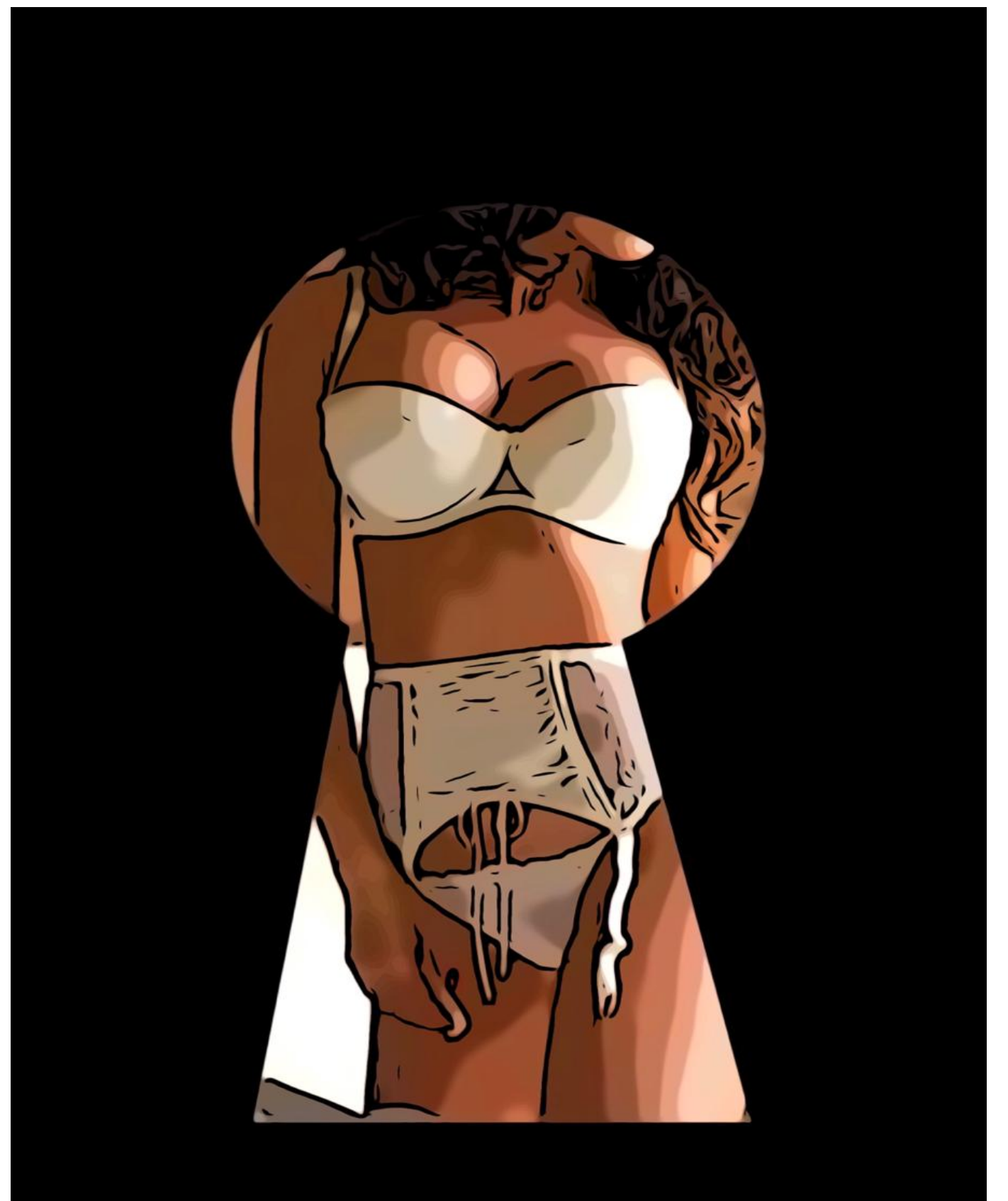
ALEXANDRE GOLOVANEVSKY



A Vizinha, 3

Dezoito horas, batia no meu relógio. A caneta caía e, em poucos minutos, estava no meu carro dirigindo para o meu endereço, mas não para o meu apartamento.

Minhas passadinhas pelo apartamento de Lícia, dois andares acima do meu, eram pontuais e sagradas três vezes por semana. Nossa hora do amor era entre 18h30 e 20h. Às vezes demorava um pouco para sair, sugado por uma força de cem cavalos e um corpo escultural. Me via muitas vezes nos braços de Lícia em nossos derradeiros minutos de sexo e paixão com corpos suados e entrelaçados na cama.



Ela dizia fazendo beicinho, muitas vezes..."Não vá...fique!"...e me puxava com as coxas para o meio de suas pernas. Bem nessa hora, Augustinha meditava numa aula de Yoga. Era o seu momento de silêncio, de absoluta concentração, e aí de mim interrompê-la por qualquer motivo que fosse. De modo que, seria um caso de vida ou de morte receber qualquer telefonema de Augustinha na minha hora de amor com Lícia.

Eu e Augustinha, minha mulher, chegávamos quase juntos entre 20h e 20h30. Eu corria para o banho quando chegava primeiro. Às vezes, quando via que iria demorar mais um pouco, para não correr o risco, descia para a garagem e fumava um cigarro que sempre deixava de reserva no porta-luvas do carro, muito embora não fosse fumante de hábito. Fazia aquilo apenas para me defumar com o cheiro nauseante e inconfundível do cigarro, eliminando assim qualquer perfume de mulher que não fosse a minha. Eram medidas tomadas cuidadosamente para que não fosse pego no olfato felino de Augustinha, quase sempre certo e perspicaz.

Certo dia, de encontro marcado para a nossa hora secreta, Lícia não respondeu às minhas mensagens. Na verdade, insistia num silêncio misterioso desde as primeiras horas da tarde. Mudei de planos após duas tentativas de contato (não mais do que isso); segui para minha casa.

Minha mulher e Lícia haviam se conhecido na piscina do nosso condomínio, ironicamente no mesmo lugar em que eu e Lícia nos conhecemos. Tornaram-se amicíssimas de cara, uma melação. Almoçamos juntos no meu apartamento, nós três, logo de início. Um convite feito a meu contra gosto. A partir de então era Lícia para lá, Lícia para cá.

"Admiro Lícia! (dizia minha mulher). Que mulher! Se banca sozinha nesse apartamento. Não se deixou abater pelo divórcio! O ex...um completo I-DI-O-TA! Trata mal e tudo! EU, nem atendia mais esse traste! Linda e simpática do que jeito que é!! logo arruma um homem que gosta dela de verdade!"

Eu ouvia aquilo tudo em silêncio. Apenas consentia. Evitava notas e considerações. Tateava as palavras nos meus pensamentos pronunciando-as monossilabamente entre pausas de Augustinha.

trabalho, segui como em raras quartas-feiras direto para casa, sem o after love na casa de Lícia - após ela me ignorar estranhamente. Seguia com certo desapontamento nos olhos e no corpo de amante febril. Subi direto para meu apartamento. Checava as redes sociais para verificar algum sinal em seus infalíveis stories no Instagram. Ao desembarcar no meu andar ouvi vozes e risos atipicamente ecoando da minha porta. Me perguntei surpreso se não era o dia do Yoga de Augustinha. Estranhei aquela movimentação e com uma enorme interrogação na cabeça abri a porta. Dei de cara com Augustinha e Lícia em volta da mesa de jantar coberta de lingerie pretas, vermelhas, brancas, violetas, umas mais finas, outras menos, de todas as cores e de gostos, todas ousadas. Era um carnaval de lingerie, uma feira bem na minha sala.



Augustinha usava um vestido mais comportado, já Lícia, um vestido curto e decotado, branco, marcando bem as curvas. Cabelos cacheados amarrados. Seus olhos emoldurados de luxúria flutuavam sob uma nuvem de más intenções. Em minha direção.

- Oi amor!! - Augustinha veio e me bicou com os lábios. - Lícia está vendendo lingerie, uma mais bonita que a outra! Marcamos para ela vir me mostrar, espero que não se importe! - risinhos

Falei baixinho enquanto nos cumprimentávamos..."E sua Yoga?"...Ela "desmarquei, venha ver..."

- Oi Lícia. Boa noite! Não sabia que vendia lingerie. - Respondi em tom bem humorado e amigável. Porém paralisado, surpreso, confrontado por um completo atrevimento de Lícia.

Lícia riu simpática..."apenas um extrinha..."

Augustinha interrompeu...

- Amor, vamos para o quarto provar algumas peças, tudo bem!?

- Claro! Vão lá! Eu vou tomar um banho. Fiquem a vontade.

Fui para o meu quarto, enquanto Lícia e minha mulher se fecharam em outro quarto do apartamento. Uma espécie de closet improvisado onde minha mulher guardava suas roupas.

No banho, uma sensação de perda de controle me escalava pela espinha, ao mesmo tempo que me sentia excitado pensando em Lícia a poucos metros, em outro quarto,

se despindo, provando peças provocantes, bem ali, numa intimidade assustadora com Augustinha, sua nova best friend. Tomei banho rápido. Fui para a sala. Não queria perder nenhum movimento daquela noite, me sentia provocado, alerta e curioso.

Me sentei no sofá e liguei a televisão. Coloquei no jornal, fingia interesse nas notícias e um total desinteresse nas duas mulheres que se trocavam num desfile de lingerie a poucos metros de mim, protegidas apenas por uma porta. Ouvia risinhos, gritinhos do tipo:

"AMIGAAA QUE ESCÂNDALO ESSE" ... e por aí seguiam.

Que provocação!!! Lícia não tinha limites!!

Impelido por minha imaginação e uma curiosidade cheia de asas, me vi certo momento passando bem pertinho da porta, como quem planeja um furto com os dedos dos pés, me agachando com os olhos direto pelo buraco da fechadura.



Me sentia ridículo, patético. Mas lá estava eu, tentando ver o que minha imaginação criara ao som daquelas vozes e risos. Lícia andava nua pelo quarto numa total desfaçatez. Provava uma lingerie aqui, outra ali, junto com Augustinha que encorajada pela amiga, fazia o mesmo. Meu pai! Aquela cena era uma tortura, uma brincadeira de mal gosto. Sentia que Lícia percebia meus olhos a espionando. Ela apalpava os seios para ajustar o sutiã. Virava-se de bumbum para o espelho. De repente todo o sangue do meu corpo desceu para baixo da minha cintura, se erguendo por baixo da minha bermuda de ficar em casa, de tecido fino. Eu suava. Me levantei cheio de medo de ser pego e voltei para o sofá. Me contorcia de desejo.

Certo momento ouvi a porta do quarto abrir. Lícia deslizava com os pés em minha direção de calcinha pequenina e sutiã de renda branca. Seus olhos castanhos fixaram nos meus. Montou em cima de mim e me beijou.

Assustado quase a empurrei.

- Você tá maluca!! Minha mulher tá bem aí!!

- Ela está no banheiro. Me beija.

- TÁ MALUCA! Ela vai nos pegar aqui!!

- Ela vai demorar um pouquinho, eu acho. risos

Lícia sentou-se em cima de mim, ali no sofá, e me beijou de novo, agora com mais intensidade e desejo. Me sentia como se estivesse vivendo uma aterradora e mortal paixão. Seríamos pegos ali, mas eu não conseguia parar. Ela, com mãos ágeis, tirou meu pênis para fora, já erguido e pujante, e esfregou a ponta entre suas pernas, colocando a calcinha de lado e empurrando com a própria mão meu pênis para dentro de si. Sentou-se com tudo. Rebolou e cavalgou lentamente, umas três vezes, me fazendo sentir cada milímetro por dentro dela, molhada e quente.



Até que se levantou. Me beijou mordendo meus lábios e correu de volta para o quarto. Que PUTA sacanagem! Como ela fez aquilo! Antes que Augustinha saísse do banheiro, lá estava Lícia de volta ao quarto, como se nada tivesse acontecido.

Alguns minutos depois as duas saíram do quarto. Vestidas. Mantinham os risinhos e as trocas de gentilezas. Uma perfeita harmonia cheia de cinismo.

- Eu já vou. - Disse Lícia.
- Fique para jantar. - respondeu Augustinha.
- Não. Preciso ir. Obrigada!!
- Então meu marido te ajuda com as sacolas, é o mínimo. Vai lá amor!
- Ah, se não for incomodar, eu aceito a ajuda.

Minha imaginação se distanciava dali. As vozes das duas ficaram baixinhas. Se despediam com beijinhos e abraços. Nunca vi tanto apego e amizade. Já eram como irmãs.

Eu, num papel gentil como deveria ser, acompanhei Lícia para o seu apartamento, dois andares acima do meu. No elevador permanecemos mudos. Apenas numa troca de olhares sentíamos nossos corpos se tocarem. Descemos e enquanto ela abria a porta, meu rosto aproximou-se do seu cabelo cacheado cor de bronze escuro, perfumado. Senti seu pescoço pertinho da minha boca. Uma das minhas mãos tocaram sua cintura. Ela abriu a porta e ainda no escuro nossas bocas se tocaram. Sentia os lábios grossos de Lícia molhados entre os meus. Nossas línguas se tocavam, num enlace eufórico.

- Por que você está fazendo isso? Por que tão perto? Por que na minha casa? - eu dizia baixo sem quebrar o ritmo dos nossos corpos agitados.

- Porque eu quero você. - disse ela descendo a boca pelo meu corpo.

Lícia me beijou devagar até a minha cintura, baixou com as duas mãos minha bermuda de elástico, e continuou beijando até a minha virilha. Beijou meu pênis devagar, subindo com a língua, lentamente, lascivamente, até que o projetou todinho para dentro da sua boca. Ela escorregava com os lábios molhados, subindo e descendo, como se o saboreasse. Lambia, beijava e chupava com tremenda gula e vontade. Minhas mãos sentiam os seus cachos, que se mexiam junto com a sua cabeça. Seus cabelos me seduziam, seus olhos me seduziam, tudo nela me seduzia e ardia em mim.





Ainda no escuro, fomos até o sofá, para continuar o que havíamos começado dois andares acima. Eu a deitei ali, levantei suas pernas e tirei sua calcinha. Deslizei minha boca sobre seu púbis. Penetrava com a minha língua. A tinha nos meus lábios como uma fruta suculenta que derramava seu doce pecado pela minha língua que se mexia como uma espada flamejante dentro de Lícia. Tirei seu vestido. Agora nua seu corpo macio excitava-se pelas minhas mãos. Seus seios...ah seus seios...eles se emolduravam na minha imaginação

quando não estavam na minha boca. Lícia se levantou e nua sentou-se em cima de mim, para continuar o que havia começado na sala do meu apartamento. Sentou-se devagar, escorregando lascivamente sobre meu pênis. Suas coxas pesavam sobre as minhas. Seu doce pecado escorria na minha pele. Nossas bocas se beijavam com sabor de satisfação e absoluto êxtase. Seu cabelo balançava sobre meu rosto, com um perfume de fêmea. Seus olhos de fogo e de mel efervesciam sobre os meus. Até que gozamos. Gritamos juntos.

Nos mordíamos como dois selvagens canibais enquanto nossos corpos se desfaziam em deleite e gozo.

Fui embora. Sem querer ir. Não me lembro quanto tempo demorei.

Contava em meus pensamentos talvez quinze intensos minutos.

Voltei para o meu apartamento onde Augustinha, adormecida no sofá, dormia o sono da total inocência...

ALEXANDRE GOLOVANEVSKY



SEU DOCE PECADO

ESCORRIA

NA MINHA PELE...

NOSSAS BOCAS SE BEIJAVAM

COM SABOR

DE SATISFAÇÃO E ABSOLUTO

ÊXTASE

SEU CABELO BALANÇAVA

SOBRE MEU

ROSTO,

SEUS OLHOS DE FOGO E DE MEL

EFERVESCIAM

SOBRE OS MEUS...

NOSSOS CORPOS SE DESFAZIAM

EM DELEITE

E GOZO...

EXPEDIENTE

Desenvolver esse projeto foi um desafio na minha carreira como autor, não só por se tratar de uma revista em meio a tantas outras do mesmo gênero, mas também e principalmente por ser uma publicação periódica. Quando se trabalha em um livro, não há prazo para a criatividade e inspiração, mas quando se trata de uma revista periódica, o trabalho voltado para a escrita criativa corre com os dias do calendário, acima de tudo, este é o maior desafio para mim autor.

E por que Bartolomeu!? Por que um cachorro!? Bem, nada mais caricato que dar vida à um cachorro metido a escritor com patas frenéticas sobre as teclas de uma máquina de escrever segurando seu charuto, para dar um ar mais descontraído à uma revista de conteúdo adulto. Não é mesmo!? rs... E por que Bartolomeu!? Bem, se pescar algumas letras nesse nome, encontrará outro, mas aí não tem graça contar rs. E outra, esse cachorro tem cara de Bartolomeu não tem!?

Espero que possamos construir juntos uma gostosa relação de autor e leitor, em meio a contos que mexam com a sua imaginação e temperatura comum, numa dimensão bem longe dos dias repletos de rotina.

Obrigado!

Alexandre Golovanevsky



@tescrevoumconto



Alexandre Golovanevsky



golovanevsky.a@gmail.com



(11) 9.8585.1114



Publicações do autor:

Saturno de Goya;

Urban Woman;

Algumas Sobre Amor e Erotismo;

O Abraço, edição especial ilustrada;

Participações em coletâneas de poemas sendo uma de Literatura para Escolas Municipais, Brasil - Editora Palavra é Arte - Poesia na Escola
Revista Bartolomeu;

www.revistabartolomeu.com.br

Revista Bartolomeu
Registro INPI n° ®



29409171921540032

Editor-Chefe: Alexandre Golovanevsky

São Paulo - SP

E-mail: golovanevsky.a@gmail.com

Capa e Design: Alexandre Golovanevsky

Ilustrações e Revisão: Ly Hashizumi

Ilustrações de Diagramação: Alexandre Golovanevsky

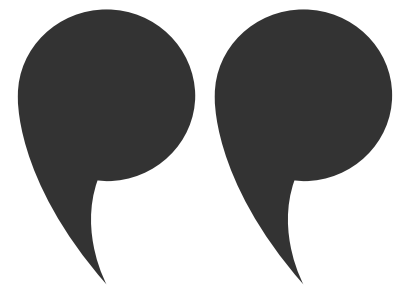
Publicado pela Flipsnack

Autoria Textos:

A Vizinha, 3 - Alexandre Golovanevsky

A Amiga - Alexandre Golovanevsky

Poema - Alexandre Golovanevsky



A ÚNICA

obscenidade

QUE EXISTE

é a

VIOLÊNCIA

Jim Morrison



volume 1 n° 7

FEV 2021